

O Povo do Egito derrubou Mubarak

12 de fevereiro de 2011

O derrubamento de Hosni Mubarak pelo povo egípcio será recordado pelo tempo adiante como um dos grandes acontecimentos históricos do século XXI.

A demissão e fuga do ditador que há três décadas oprimia uma nação com 7000 anos de História, criadora de grandes civilizações, foram o desfecho de uma luta épica das massas. Na Praça Tahrir do Cairo, multidões que em algumas jornadas ultrapassaram um milhão de manifestantes resistiram durante 17 dias a todas as tentativas da engrenagem do poder, liderada por Mubarak, para intimidá-las e desmobilizar. À brutal repressão inicial, responsável por três centenas de mortos, seguiu-se, já com a presença do exército, o ataque brutal de esquadrões de polícias mascarados de partidários do ditador.

A violência e as ameaças foram impotentes contra a firmeza do povo que respondeu com combatividade reforçada aos discursos de Mubarak e às promessas dos seus ministros e generais.

Para onde caminha o Egito? Qualquer previsão de momento seria pouco responsável.

Uma rebelião vitoriosa, mesmo com o caráter massivo da egípcia, não deve ser confundida com uma revolução social.

Embora o comportamento das massas tenha deixado transparecer uma vontade de organização crescente, o movimento torrencial de contestação assumiu um caráter espontaneista, inevitável, porque no país não existe uma organização revolucionária com forte implantação popular. Nestas circunstâncias, o imperialismo tudo fará para evitar que o povo seja o sujeito do processo tomando nas mãos o futuro do país.

Para já o Conselho Superior das Forças Armadas assumiu transitariamente o poder. Cabe lembrar que os seus membros foram todos nomeados por Mubarak e a maioria mantém estreitas relações com Washington.

De assinalar também que o presidente Obama manteve desde o início da rebelião uma atitude de grande ambiguidade. Não hesitou mesmo em manifestar a esperança de que o vice-presidente Omar Souleiman – o chefe dos serviços secretos, íntimo colaborador da CIA – dirigisse «uma transição pacífica para a democracia».

A baronesa britânica Ashton, falando em nome da União Européia, usou uma linguagem semelhante ao fazer votos para «uma transição com ordem para a democracia». O conceito de «democracia» dos líderes do Ocidente capitalista é suficientemente conhecido para que haja ilusões sobre aquilo que pretendem.

Os media ocidentais omitem que ainda há poucos meses o presidente dos EUA elogiava Mubarak como um «aliado» e o felicitou efusivamente quando do Cairo dirigiu ao mundo árabe um discurso farisaico.

A desorientação e o temor do imperialismo não surpreendem. A rebelião do povo egípcio na sequência dos acontecimentos da Tunísia e a vaga de contestação que alastra por todo o mundo árabe representa um golpe demolidor para toda a sua estratégia na Região. Mubarak foi o grande aliado de Israel. O sionismo neofascista é o outro derrotado na insurreição que teve por cenário a milenária cidade do Nilo.

Nesta hora em que o povo do Egito festeja nas ruas a vitória alcançada, os editores de odiario.info compartilham a sua alegria. Independentemente do amanhã imediato, essa vitória confirma que as massas são irresistíveis e constroem história quando se levantam contra aqueles que as oprimem.

OS EDITORES DE O DIARIO.INFO